



O “OLHAR” DA IMAGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM THE GOOD DOCTOR E ATYPICAL

Adriana da Rosa¹

Raquel Marques Carriço Ferreira²

RESUMO: O presente artigo estabelece uma análise comparativa sobre a construção da imagem do portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos posts/cartazes de divulgação de duas séries que trazem como tema central o autismo. As séries analisadas são The Good Doctor (O Bom Doutor) e Atypical, ambas de 2017, a série The Good Doctor na sétima temporada e a Atypical na sua quarta temporada. Através dos conceitos de dois estudiosos da teoria da imagem, Mitchell (2015) e Didi-Huberman (2012), com o suporte metodológico da análise de imagem fixa descrita por Mendes (2019) para apresentarmos as interpretações dos principais signos e símbolos do autismo nos posts retratados das séries de maior longevidade no audiovisual, que trazem dois protagonistas com TEA. Assim objetivou relacionar as semelhanças, divergências e as ideias relacionadas à imagem do portador de TEA nos cartazes. O que elas querem passar ao espectador? Qual o tipo de sensação que as imagens dos posts revelam sobre o autismo como porta de entrada para o espectador querer assistir as séries?

PALAVRAS-CHAVE: *Transtorno do Espectro Autista. Imagem. The Good Doctor. Atypical.*

ABSTRACT: This article establishes a comparative analysis of the construction of the image of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the promotional posters of two series that centralize autism as their main theme. The analyzed series are The Good Doctor and Atypical, both from 2017, with The Good Doctor in its seventh season and Atypical in its fourth season. Drawing on the concepts of two scholars in image theory, Mitchell (2015) and Didi-Huberman (2012), with the methodological support of the fixed image analysis described by Mendes (2019), we present interpretations of the main signs and symbols of autism depicted in the promotional posters of the longest-running series in audiovisual media, both featuring protagonists with ASD. The objective is to relate the similarities, divergences, and ideas related to the image of individuals with ASD in the posters. What messages do they convey to the viewer? What kind of sensation do the images in the posters reveal about autism as a gateway for viewers to want to watch the series?

KEYWORDS: *Autism Spectrum Disorder. Image. The Good Doctor. Atypical.*

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe, especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Animação Digital pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera (2024). Graduada em Jornalismo (2014) e Letras - habilitação em Português e Francês- (2021) ambas pela UFS. E-mail: adriana15jor@academico.ufs.br

² Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe UFS, atuando na graduação e no programa de pós-graduação em Comunicação Social. E-mail: raquelcarrico@academico.ufs.br

INTRODUÇÃO

Quem nunca se deparou com uma representação da natureza em um quadro de museu e não experimentou uma sensação de paz? Ou quem nunca dedicou horas admirando tal imagem? Por outro lado, quando nos deparamos com fotografias, pinturas que retratam guerra, violência, abuso sexual e tortura, é comum sentir uma sensação desagradável. Como Mitchell (2015) observa, "a imagem pode ser interpretada como uma expressão dos desejos do artista ou como um meio de despertar os desejos dos espectadores" (MITCHELL, 2015, p. 165). De fato, em relação aos nossos desejos individuais, experimentamos sensações diversas ao visualizar qualquer tipo de imagem. Mitchell reforça que

Todos sabem que uma foto de sua mãe não é algo vivo, mas relutaria em destruí-la. Nenhum indivíduo moderno racional e secular considera que imagens devem ser tratadas como pessoas, mas sempre estamos dispostos a fazer algumas exceções para casos especiais. (Mitchell, 2015, pg.169).

72

Por que não descartá-la? Se não é a "fonte", em resumo, a sensação de afeto transmitida pela fotografia é algo valioso. A imagem carrega consigo esse poder emocional mais imediato em comparação com o texto em si, cujo processo é mais lento e muitas vezes fica em segundo plano quando compartilha espaço com uma imagem. Não estou sugerindo uma disputa aqui, isso está fora de cogitação. No entanto, as imagens naturalmente capturam mais a atenção do que os textos em um primeiro contato. Existe uma intuição sobre o assunto a ser abordado quando uma imagem é apresentada, e essa percepção é às vezes complementada por um texto, seja ele uma legenda ou uma descrição. Como disse Kant (2012) em seu opúsculo, a imagem expandiu tanto seu território que hoje é difícil pensar sem ter que "se orientar por ela". (KANT, *apud*, HUBERMAN)

Para Mitchell (2015) existe um "retorno" do olhar da imagem para o espectador.

As imagens são marcadas por todos os estigmas próprios à animação e à personalidade: exibem corpos físicos e virtuais;

falam conosco, às vezes literalmente, às vezes figurativamente, ou silenciosamente nos devolvem o olhar através de um abismo não conectado pela linguagem. Elas apresentam não apenas uma superfície, mas uma *face* que encara o espectador. (MITCHELL, 2015, pg. 167).

A imagem é mais intensa e envolvente, ou até mesmo mais fácil de compreender. Mas será? Envolvente, atrativa, forte e impactante, penso eu que sim, mas não é tão simples. Em termos de emoções, elas podem transmitir algo positivo, negativo ou até mesmo algo indiferente, no entanto, será que é isso que realmente desejam comunicar? O que ainda está faltando nelas?

Quando Mitchell levanta a questão em seu texto "o que as imagens querem dizer?", ele está indicando ao leitor um espaço além do mero desejo pessoal do espectador que elas possam evocar, como sentimentalismo, uma hipnose superficial, constrangimento, nostalgia tanto boa quanto ruim, admiração passageira. Ele sugere, em vez disso, uma imersão mais profunda, respeitosa e reflexiva diante da imagem, uma observação do desejo intrínseco à própria imagem, não apenas do espectador, indo além do que ela mostra superficialmente. Não apenas ser visualizada, mas também escutada.

E trazendo para essa troca de ideias sobre essa "fala" da imagem, Didi-Huberman (2012) faz um levantamento quando ela abre um contato com o real. Nesse sentido de colocação de poder da imagem, ao qual Mitchell discorda, pois a imagem também quer ser compreendida sob um viés menos idólatra e frívolo. Na verdade, essa reflexão profunda da imagem sobre aquilo que ela não demonstra é algo extremamente complexo.

De acordo com Huberman (2012), a imagem queima! Mas o que isso significa? Queima pela dor da qual surge e busca tocar qualquer um que se dedique a entendê-la. Por fim, a imagem queima pela memória, o que indica que de qualquer forma ela queima, mesmo quando só restam cinzas: uma maneira de expressar sua essencial vocação para sobreviver, apesar de tudo.

Sendo a imagem memória, uma captura do tempo, uma fotografia captada da vítima pelo opressor, uma escultura bem estruturada ou não, uma imagem reproduzida

por inteligência artificial, montada, um quadro pendurado num museu entre outras imagens. Ela fala e fixa constantemente sobre aquilo que passou e como Mitchell nos apresentou, ainda revela algo que não vemos, por mais horas que passamos em frente dela admirando, passando rapidamente ou não às compreendendo.

Huberman afirma que “saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir o *lugar onde arde*, o lugar onde sua eventual beleza reserva um espaço a um “sinal secreto”, uma crise não apaziguada, um sintoma. O lugar onde a cinza não esfriou” (HUBERMAN, 2012 pg. 215).

E acrescenta que “a imagem arde, arde com o real do que, em um dado momento, se acercou (como se costuma dizer, nos jogos de adivinhações, “quente” quando alguém se acerca do objeto escondido) (HUBERMAN, 2012 pg. 216), mas é nesse objeto escondido que devemos focar. Michell conclui que

O que as imagens querem, portanto não serem interpretadas, decodificadas, adoradas, rompidas, expostas ou desmistificadas por seus espectadores, ou encantá-los. Elas podem nem mesmo desejar que comentadores bem-intencionados que pensam que a humanidade é o maior elogio que lhes podem oferecer, lhes outorgue subjetividade. Os desejos das imagens podem ser inumanos ou não-humanos, mais bem modelados pelas figuras de animais, máquinas, ciborgues ou mesmo por imagens ainda mais básicas(...). Portanto, o que elas querem, em última instância, é simplesmente serem perguntadas sobre o que querem, tendo em conta que a resposta pode muito bem ser “nada”. (MICHELL, 2015 pg. 187).

Penso que ambos os autores acima apresentados, trabalham a imagem numa busca pela “verdade” que não aparece de imediato, ou seja, no falar das imagens que às vezes não escutamos ou uma cinza que está farta do encanto e do conforto da penumbra, e quer ser soprada para retornar a arder.

Após essa pequena introdução buscaremos compreender a imagem em sua essência mais profunda nos *posts* das séries sobre o que é ser autista de acordo com os *posts* de divulgação das séries *The Good Doctor* (O bom Doutor) e *Atypical* aplicando as reflexões desses teóricos, pretendemos ver além das “cinzas” dos cartazes e tentar

ouvir o que elas querem dizer sobre a representação dos personagens autistas. Antes de tudo, irei de forma sucinta abordar os conceitos sobre quem é o portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como descrever uma breve apresentação das séries aqui analisadas, e na sequência a análise do material.

QUEM É ESTE INDIVÍDUO PORTADOR O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)?

A imagem que temos na mente sobre o autismo, muitas das vezes, é construída a partir de mitos, percepções e estereótipos manipulados por determinados grupos sociais no decorrer dos tempos, além de ganharem forças, são julgados sendo verdades absolutas. Eles utilizam ideias preconcebidas de como funciona, pensa e age o autista.

Como, por exemplo, dizem que todo “ autista vive no seu próprio mundinho”, não gosta de contato físico ou todos se balançam quando estão em crise, etc. São características subjetivas sem nenhum conhecimento profundo que acabam caindo no senso comum das pessoas. E simplesmente o portador de TEA tem um olhar diferenciado do convencional, e vê o mundo de uma forma própria. De modo geral, o autista possui características que afetam a comunicação e interação social, além de apreciarem condutas repetitivas e atividades ou assuntos restritos.

É preciso compreender que, antes de mais nada, conviver com pessoas que apresentam o TEA é assumir que existe outra forma de ver e perceber o mundo. É entender e aceitar que as relações humanas nunca vêm equipadas com um mapa e que a beleza reside justamente em percorrer o caminho e se encantar com as descobertas. É entender que não sabemos tudo e, por isso mesmo, precisamos abrir espaço para a escuta, para o silêncio, para a troca, para a angústia, para tudo o que pode nos mobilizar e também para o que pode nos amedrontar. Só assim estaremos prontos para aprender e ensinar e para olhar para esse outro, tão diferente de nós, de uma forma repleta de possibilidades, pensando em sua subjetividade e não somente em características ritualísticas ou comportamentos que não se enquadram em um padrão socialmente considerado adequado (SILVA; ROZEK, 2020, p.13).

O Transtorno do Espectro Autista está relacionado a um espectro com diferentes características do desenvolvimento do portador. Essa definição de “espectro” é atribuída por estudiosos que identificaram características distintas para cada pessoa, como pouco contato visual, interesses fixos sobre algum assunto e dificuldades em compreender metáforas. Não há um diagnóstico fixo para TEA, cada indivíduo possui aspectos distintos de comportamento.

A origem das causas do TEA podem estar associada a má formação biológica, Dominique (2001) conceituou o TEA como um “perfil comportamental associado a um perfil biológico (neuroanatômico e neuroquímico)”. Essa hipótese implicaria uma abordagem integrada dos dados biológicos, psicológicos e ambientais” (DOMINIQUE, 2001, pg. 60). Atualmente, “até 15% dos casos de Transtorno do Espectro Autista parecem estar associados a uma mutação genética” (DSM-5 2014, pg 57).

Vale ressaltar que os estudos sobre o TEA ainda estão em desenvolvimento, apesar de mais de cinquenta anos de surgimento das pesquisas, pois a sempre uma nova descoberta a cada avanço. Isso pode ser visto também em relação a terminologia que nos primeiros estudos intitulavam “psicopatia esquizóide ou autística”, “autismo infantil”, “síndrome de Asperger”, “síndrome de savant”, “transtorno global” entre outros, até chegar a sugestão do Manual Diagnóstico e Estatística Mentais (DSM-5)³ ou CID 11 como Transtorno de Espectro Autística (TEA) para realizar a fusão dessas subdivisões de transtornos . O DSM-5 explica que o TEA “ é diagnosticado quando os déficits característicos de comunicação social são acompanhados por comportamentos excessivamente repetitivos, interesses restritos e insistência nas mesmas coisas.” (APA, 2014 p. 31).]

Em suma, são diferentes atitudes do neurodesenvolvimento (incluindo motricidade, competências sensoriais, a comunicação, comportamentos variados, competências cognitivas, afetos e emoções) que dificultam o desenvolvimento do sistema nervoso.

³ Sigla Inglesa para *Diagnóstic and statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5)

De acordo com Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, nos dias de hoje, entre um em cada trinta e seis crianças são diagnosticadas com TEA. Abaixo pontuo alguns sintomas descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5/2014).

Alguns sintomas do TEA
● Problemas de fala
● Sensibilidade a barulhos
● Falta de interação do olhar
● Irritabilidade com contato físico
● Agressividade
● Falta de resposta quando é chamado
● Interesse por parte de objetos
● Repetição das mesmas palavras ou gestos.

E esse sintomas podem ocorrer em níveis diferentes de comprometimento da criança identificada, por isso é fundamental uma avaliação precoce com a participação de pais e profissionais capacitados. Sobre o tratamento, a DSM-5 explica que pode ser realizado clinicamente com análises diretas do desenvolvimento da criança, bem como entrevistas com os pais ou responsáveis, cada criança tem um tratamento individualizado e de acordo com a necessidade do transtorno.

Para finalizar este ponto acredito ser relevante pontuar os níveis de gravidade do TEA baseado nas informações do DSM-5.

Níveis	Comunicação Social	Comportamentos restritos e repetitivos
Leve (exigindo apoio)	Podem apresentar: falas completas e envolver-se na comunicação, no entanto, podem apresentar falhas na conversação com os outros. Exemplo: Não compreende as linguagens figuradas.	Apresentam dificuldade em trocar de tarefas. Gostam da rotina, as mudanças nela podem ocasionar problemas na organização diária.
Moderado (exigindo apoio substancial)	Uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos, podendo surgir ecolalia e apresentar comunicação não verbal e acentuadamente estranha.	São pessoas com dificuldade de mudanças, sendo provável apresentar sofrimento a essas alterações. Comportamentos restritos/repetitivos com frequências intensivas. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (exemplo: forte apego ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos). (DSM, 2014, pg.50)
Grave (exigindo apoio muito substancial)	Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso de gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal. (DSM-5, 2014 pg 50).	Apresentam dificuldades extremas no comportamento e necessitam de apoio no dia a dia para realizar as tarefas, na maioria dos casos há uma deficiência intelectual. Dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares. (DSM-5, 2014, pg. 50)

(Fonte: DSM-5 de 2014, com adaptação da autora)

De forma geral, o TEA não é uma condição estável e não possui cura, mas existem tratamentos disponíveis para controlar os comportamentos que impactam negativamente a interação social. Quanto mais cedo o diagnóstico for feito, melhor será

o desenvolvimento do indivíduo afetado. A seguir, farei uma breve apresentação das séries dos cartazes analisados aqui, que têm como protagonistas pessoas com TEA.

O TEA NO CENTRO DAS SÉRIES: *THE GOOD DOCTOR* E *ATYPICAL*

O primeiro post analisado foi da série *The Good Doctor* (O bom Doutor), atualmente exibido tanto na TV aberta (TV Globo) como na plataforma *streaming* Globo Play da mesma emissora de TV aberta. A série norte-americana conta a história Shaun Murphy portador de TEA, com características manifestadas na série como inteligência acima da média, porém tem dificuldade em interpretar linguagens figuradas, possui problemas comunicativos leves e comportamento direcionado a determinados interesses e assuntos, como fixação na medicina.

Na trama, após acontecimentos trágicos na infância, como a morte do irmão, por exemplo, o rapaz decide ser médico e trabalhar em um dos hospitais mais renomados do país. Tendo que enfrentar, além das dificuldades da profissão, o preconceito por ser autista.

Já o segundo *post* é uma série da plataforma *streaming* Netflix, que diferente da outra aqui apresentada teve seu final na quarta temporada, *Atypical*, apresenta a trajetória e a rotina de Sam Garden, um jovem de 18 anos que passa por diversos conflitos (como relacionamentos amorosos, perda da virgindade, ingresso na universidade e a busca pela independência) quando deixa a adolescência e começa a fase adulto.

Além desses conflitos, o personagem tem que combater o preconceito por fazer parte do universo autista. Entre as características fixadas na série estão presente, o interesse restrito por animais, por exemplo, os pinguins, bem como a não compreensão do contexto afetivo ou linguagens irônicas, apego a rotinas, no entanto, não possui comprometimento linguístico ou intelectual.

A REPRESENTAÇÃO VISUAL DE *THE GOOD DOCTOR* E *ATYPICAL* NO CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DAS SÉRIES

Para este artigo apliquei o método para análise de imagens fixas descrita por Mendes (2019) como método que possui uma base semiótica, “ligada à linha peirceana, que tem semelhanças com os parâmetros desenvolvidos por Erwin Panofsky na sua metodologia iconológica (2002), e conta, basicamente, com uma etapa descritivo-analítica e outra sintética” (MENDES, 2019, pág 18)

Na etapa analítica são consideradas as qualidades formais dos signos, o histórico no qual estão situados e quais as representações mais estáveis associadas aos elementos constitutivos da imagem, verificando se, nesse novo contexto, os sentidos tradicionais permanecem ou não.

Mesmo nesse momento “objetivo” já está presente um certo grau de subjetividade – por se tratar de uma interpretação, na qual o analista deve identificar o que as qualidades formais dos signos podem sugerir. (MENDES, 2002, pg. 21).

A partir disso, darei destaque para o percurso, primeiramente, ao descritivo analítico que predomina a “objetividade” e determina três etapas de análise:

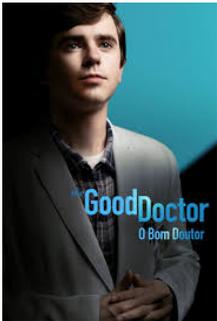
- a) Seleção/discriminação/qualificação/sugestão. (identificação dos elementos presentes na imagem/poder denotativo)
- b) Análise formal dos signos/elementos que fazem parte da composição; (devem ser observados cores, formas e linhas que compõem as imagens).
- c) Contextualização da imagem no tempo e no espaço (representação desses signos na sociedade. O por que foi produzida? E em que está vinculada?).

O segundo percurso é o sintético de caráter subjetivo e pode ser pensado em três etapas, entre elas: a) compreender os elementos em seu contexto específico (valor e sentido específico dentro da imagem geral) b) Determinação do código interno da imagem (reflexão da imagem/ O que ela representa no contexto da imagem) e c) interpretação.

Abaixo o autor Mendes (2002) sugere um quadro para auxiliar o trabalho, com o objetivo de se debruçar com atenção e não deixar nada importante ficar de fora da análise.

Assim, aplicarei na análise desses dois cartazes de divulgação das séries, o primeiro é o da sexta temporada de *The Good Doctor* exposto no catálogo da plataforma Globo Play. Já o segundo, é o da série *Atypical* exibida no catálogo da Netflix.

QUADRO 1 DESCRITIVO/QUALITATIVO

Elementos selecionados	Decomposição	Qualidades	O que os elementos e suas qualidades sugerem?	O que o elemento significa no código interno da imagem												
 <p>Elemento 1:</p> <p><i>Post da sexta temporada da série The Good Doctor, personagem principal Shaun Murphy se encontra no centro</i></p>	<p>CORPO-SHAUN MURPHY</p> <hr/> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="475 1010 673 1077">Tronco</td> <td data-bbox="702 1010 916 1077">Postura ereta</td> </tr> <tr> <td data-bbox="475 1077 673 1189">Olhos</td> <td data-bbox="702 1077 916 1189">Para Cima e distante</td> </tr> <tr> <td data-bbox="475 1189 673 1323">Boca</td> <td data-bbox="702 1189 916 1323">Boca fechada, mas com sorriso leve modesto</td> </tr> <tr> <td data-bbox="475 1323 673 1458">Cabelo</td> <td data-bbox="702 1323 916 1458">Preto de lado e muito bem penteado.</td> </tr> </table> <p>ROUPAS</p> <hr/> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="475 1592 571 1682">Jaleco</td> <td data-bbox="571 1592 673 1682">Branco</td> </tr> <tr> <td data-bbox="475 1682 571 1794">Camisa</td> <td data-bbox="571 1682 673 1794">Quadri culada</td> </tr> </table>	Tronco	Postura ereta	Olhos	Para Cima e distante	Boca	Boca fechada, mas com sorriso leve modesto	Cabelo	Preto de lado e muito bem penteado.	Jaleco	Branco	Camisa	Quadri culada	<p>Uma pessoa pensativa.</p> <p>Concentrada em algo distante daquilo que está presente</p> <p>Organizado</p> <p>sério, mas sem deixar de ser simpático</p>	<p>Um jovem decidido, seguro daquilo que objetiva e orgulhoso da profissão de médico/De boa saúde</p>	
Tronco	Postura ereta															
Olhos	Para Cima e distante															
Boca	Boca fechada, mas com sorriso leve modesto															
Cabelo	Preto de lado e muito bem penteado.															
Jaleco	Branco															
Camisa	Quadri culada															

	<table border="1"> <tr> <td>Camiseta</td> <td>Branca</td> </tr> <tr> <td colspan="2">OUTROS</td> </tr> <tr> <td>Fonte menor (nome em Inglês)</td> <td><i>The</i> de azul claro, mas sombreado no preto</td> </tr> <tr> <td>Fonte maior em primeiro plano (nome em Inglês a frente da imagem do protagonista)</td> <td><i>Good Doctor</i> de azul claro</td> </tr> </table>	Camiseta	Branca	OUTROS		Fonte menor (nome em Inglês)	<i>The</i> de azul claro, mas sombreado no preto	Fonte maior em primeiro plano (nome em Inglês a frente da imagem do protagonista)	<i>Good Doctor</i> de azul claro		Destaque para a profissão (médico)	
Camiseta	Branca											
OUTROS												
Fonte menor (nome em Inglês)	<i>The</i> de azul claro, mas sombreado no preto											
Fonte maior em primeiro plano (nome em Inglês a frente da imagem do protagonista)	<i>Good Doctor</i> de azul claro											
Elemento 2 Cenário do post	Ausência	Fundo dividido entre preto e azul claro nas laterais verticais	Saindo da escuridão e se dirigindo para luz									
ATYPICAL												
	Decomposição	Qualidades	O que os elementos e suas qualidades sugerem?	O que o elemento significa no código interno da imagem								

<p><i>Post da série Atypical, personagem Sam Garden no centro</i></p>	<p>CORPO DE SAM GARDEN</p>		<p>Um pouco de retraído</p> <p>Pensamento focado/</p> <p>Organizado</p>	<p>Um jovem tímido que vive no seu próprio mundo restrito/ De pouca saúde</p>
	Cabeça	Suspensa		
	Ombros	Caídos		
	Tronco	pouco reto		
	Olhos	Para cima, como se observasse algo acima dele, bem distante e ao longe		
	Boca	Fechada e aprensiva		
	Cabelo	Bem penteado e arrumado, de lado		
	<p>ROUPAS</p>		<p>Conforto Físico/emocional/ protegido</p>	

<p>Elemento 2 Cenário do post</p> <p>Elemento 3 Animal</p>	<table border="1"> <tr> <td>Moleto m</td> <td>Vinho com detalhe branco</td> </tr> <tr> <td>Camisa</td> <td>Verde escuro</td> </tr> </table>	Moleto m	Vinho com detalhe branco	Camisa	Verde escuro		
	Moleto m	Vinho com detalhe branco					
	Camisa	Verde escuro					
	OUTROS						
	<table border="1"> <tr> <td>Fonte maior/ Caixa alta/ aparenta ideia de movimento/ Colocada em frente ao protagonista</td> <td>Branca</td> </tr> </table>	Fonte maior/ Caixa alta/ aparenta ideia de movimento/ Colocada em frente ao protagonista	Branca				
	Fonte maior/ Caixa alta/ aparenta ideia de movimento/ Colocada em frente ao protagonista	Branca					
<table border="1"> <tr> <td>Ausência</td> <td>Fundo verde limão e preto horizontalmente</td> </tr> </table>	Ausência	Fundo verde limão e preto horizontalmente					
Ausência	Fundo verde limão e preto horizontalmente						
<table border="1"> <tr> <td>Pingui ns</td> <td>Verdes flutuando pela cabeça do protagonista</td> </tr> </table>	Pingui ns	Verdes flutuando pela cabeça do protagonista					
Pingui ns	Verdes flutuando pela cabeça do protagonista						

Após analisar os elementos visuais presentes na separação das imagens, as primeiras percepções formais demonstram características como corporais, vestimentas, cenário e outros objetos que sugerem dois jovens com comportamentos semelhantes, revelando-se ambos reflexivos, concentrados e organizados. No entanto, um dos personagens, Shaun Murphy, parece mais seguro, evidenciado pela sua postura central que denota orgulho da posição, além de destacar a palavra em inglês "Good Doctor" (bom doutor) em azul.

Por outro lado, a representação visual de Sam Garden parece mais retraída e distante, focada no fundo do pôster que contém pinguins nadando, refletindo sua desconexão com o ambiente ao seu redor. Esses elementos secundários, como os cenários e os animais compostos nos pôsteres, nos permitem vislumbrar o mundo idealizado na mente de Sam, como os pinguins, indicando sua tendência a se distanciar da realidade e a se apegar a interesses fixos, características típicas do TEA.

No pôster de Shaun, ele é colocado no centro, ocupando um espaço preenchido em um plano americano, com um fundo azul que remete às cores representativas do TEA. O azul, no contexto do autismo, simboliza o mês de conscientização mundial do autismo, celebrado em 2 de abril. Além disso, a imagem transmite um sentimento emocional leve, tranquilo e equilibrado ao espectador, refletindo a experiência do portador do transtorno.

Na terceira etapa da contextualização das imagens os cartazes abordam a temática das séries, sobre um transtorno, que atualmente virou pauta na grande mídia e na sociedade.

De acordo com pesquisas em relação ao setor de audiovisual, que trouxeram o TEA para as telas, foram encontradas um total de 85 produções, sendo 73 delas condizentes com a temática do autismo, dentre elas, 55 eram filmes e 18 séries” (ROBIN; ALMOHALHA, 2022, pg. 29)

Apesar de anos de estudos e descobertas, o TEA ganhou força no século XXI com novas áreas do conhecimento, pesquisas mais direcionadas e uma atuação ativa dos pais pela causa no campo das leis, como a lei nº 12.764 de 27 de dezembro de

2012, uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista e a lei nº 13.861/19, de 18 de julho de 2019, alteração da lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, que incluem as especificidades inerentes ao transtorno nos censos demográficos, além do apoio de mais inclusão nas escolas.

Após realizar uma análise objetiva das etapas anteriores, avanço para uma avaliação mais subjetiva dos cartazes que abordam de maneira semelhante o olhar perdido no tempo dos protagonistas, que parecem fixar-se em algo específico. Podemos observar esse aspecto em ambos os jovens, sugerindo que essa característica poderia ser comum a todos os portadores do transtorno, para aqueles que não estão familiarizados com as séries, e nem com os sintomas do TEA. Contudo, ao decidir assistir às duas séries com base nos posters, essa ideia pode surgir, não é mesmo? No entanto, como discutido no contexto deste artigo, o TEA engloba uma ampla gama de características que variam de acordo com o neurodesenvolvimento de cada indivíduo.

Sobre o código interno e a interpretação deles, podemos observar no primeiro post um jovem positivo, que apesar do olhar distante, é perceptível um sorriso modesto e que está bem sucedido na vida, passando a ideia de que para o autista, não tem limites, ele pode ter um futuro brilhante no mercado de trabalho, e por que, não, ser médico? Ou almejar o que quiser! Enquanto, no post de *Atypical*, vemos um jovem retraído e despojado, mas estranho ao notarmos pinguins ao fundo, passando a ideia de que alguma história estranha vai ser contada naquela série.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem é complexa, não tão simplória ou de fácil compreensão, ela exerce reflexão, muita reflexão, indo além daquilo demonstrado num primeiro plano. Mitchell (2015) e Huberman (2012) sinalizam para observarmos esse código interno passando por elas (as imagens), separar os elementos compostos, observar o tempo e o espaço, e que cada vez que sobramos as cinzas elas terão algo a nos dizer. Como foi visto nos cartazes das séries *The Good Doctor* e *Atypical*, que passaram mensagens distintas sobre os jovens um aparentemente bem sucedido (Shaun Murphy) e outro (

Sam Gardner) deixa o espectador cheio de dúvidas sobre o que se trata a série, talvez só quando lêssemos a sinopse entenderíamos do que se trata, a princípio o *post* aborda algo de estranho ou esquizito.

Mas em outro ponto, *os posts* exibiram algo semelhante quando pontuaram o olhar distante e pensativo dos personagens, sinalizando uma das características do autista. Além da posição central da colocação dos protagonistas, tomando quase toda área quadrangular do *post*, deixando claro, que esses olhares dos jovens chamam a atenção de quem os vê à primeira vista. E atenção voltada para os olhares de Shaun Murphy e Sam Gardner expostos nos cartazes, poderiam está chamando o espectador para olhar a causa do TEA ou simplesmente estereotipando uma característica, que sinalizem está inserida em todos os portadores.

É claro, que somente com a visão dos posts não poderíamos chegar a uma conclusão exata da mensagem das séries, mas ressalto aqui o quanto as imagens são complexas, e fazem-nos refletir quando as ouvimos atentamente.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, Julian de. **Manual de Psiquiatria Infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Masson do Brasil Ltda, 1980.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206–219, 2012.

MENDES André Melo. **Metodologia para análise de imagens fixas** [recurso eletrônico] / André Melo Mendes. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.

MITCHELL, W. J. T.. **“O que as imagens realmente querem?”**. In: Emmanuel Alloa (org.) *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

ROBIN, Gabriely; ALMAHALHA, Lucueny. **A representação do Transtorno do Espectro Autista por produções audiovisuais em plataformas Streaming**. *Autismo: avanços e desafios* - ISBN 978-65-5360-107-9 - Editora Científica Digital, Vol. 2 - Ano 2022.